

ENTRE A TECNOLOGIA E A DIGNIDADE: DILEMAS ÉTICOS DO FIM DE VIDA EM UNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA

Livia da Mata Vargas Silva¹; Ivan Felipe Fernandes Gomes²

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

² Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Bolsista CAPES, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Autor correspondente: Livia da Mata Vargas Silva e-mail liviavargas@ufri.br

1. Introdução O avanço das biotecnologias transformou profundamente a experiência da morte, deslocando-a de um evento natural para um processo permeado por decisões sociais, médicas e tecnológicas. A partir da segunda metade do século XX, com o desenvolvimento de recursos capazes de manter artificialmente respiração e circulação, o morrer deixou de ocorrer de forma espontânea e passou a ser retardado ou antecipado. Assim, o fim da vida tornou-se fenômeno marcado por escolhas que transcendem o âmbito biológico e se inscrevem no campo social, evidenciando dilemas éticos na relação entre tecnologia, cuidado e dignidade. **2. Objetivo (s)** Analisar os dilemas éticos decorrentes do uso de tecnologias avançadas no cuidado de fim de vida em Unidade de Terapia Intensiva **3. Métodos** Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, fundamentada em obras clássicas e contemporâneas da bioética. O material selecionado inclui textos que discutem ortotanásia, distanásia, limitação de esforços terapêuticos e autonomia do paciente. A análise foi conduzida a partir de abordagem hermenêutica que buscou identificar convergências e tensões nos discursos médico, jurídico e bioético acerca da experiência da morte em UTIs. **4. Resultados** O prolongamento da vida passou a depender diretamente do nível tecnológico disponível: quanto maior o aporte de recursos, maior a expectativa de manutenção da existência. Esse cenário gera esperança em pacientes e familiares, mas também expõe os médicos a dificuldades crescentes na definição de limites terapêuticos. Nas UTIs, a fronteira entre permitir a morte e provocá-la adquire centralidade, revelando dilemas éticos fundamentais do cuidado de fim de vida. Observou-se que os recursos técnico-científicos, ao mesmo tempo em que salvam vidas, muitas vezes desconsideram a qualidade de vida do paciente. Isso resulta em sofrimento marcado pela solidão, pela insuficiência no manejo de sintomas e pelo uso indiscriminado de tecnologias de suporte avançado. Pacientes com doenças avançadas e incuráveis acabam submetidos a intervenções agressivas e desnecessárias, que prolongam artificialmente o processo de morrer. Assim, o aparato tecnológico, enquanto preserva funções vitais, também pode intensificar o sofrimento e favorecer práticas distanásicas, evidenciando tensões entre moralidade, legalidade e aceitação da finitude, tanto por pacientes e familiares quanto por equipes médicas. **5. Conclusões** O prolongamento artificial da vida decorrente da inovação biotecnológica, quando realizado sem considerar limites terapêuticos, afasta o paciente de seu próprio processo de morrer, fragiliza sua autonomia e reduz sua dignidade, reforçando práticas paternalistas. Esse cenário desencadeou debates

éticos no cuidado do fim de vida, destacando a necessidade de respeitar valores e escolhas do paciente. Conceitos como ortotanásia e limitação de esforços terapêuticos emergem, nesse contexto, como alternativas bioéticas para garantir uma morte digna, orientando práticas médicas mais humanas e respeitadas frente à finitude. **6. Palavras chave** temas bioéticos; doente terminal; assistência terminal; unidades de terapia intensiva